

Apresentação

Thiago do Amaral Biazotto¹

Os anos que cobrem da morte de Alexandre Magno à vitória de Augusto na Batalha de Áccio, *grosso modo*, entre 323 e 31 a.C., custaram a atrair a atenção dos historiadores. Vistos como ocaso da democracia ateniense, decaída em infundável disputa pelo espólio do Império Macedônio, foi preciso que J. G. Droysen (1808-1884) empregasse a pena em sua biografia do conquistador (*Geschichte Alexanders des Grossen*, 1833) e em suas sucessivas obras sobre a história do helenismo para que o período ganhasse maior atenção. Ainda assim, não faltaram vozes pouco sensíveis ao apelo do prussiano. O inglês George Grote (1794-1871), historiador de tradição liberal, não enrubesceu ao sentenciar no prefácio de sua monumental obra em 12 volumes, *A History of Greece: from the Earliest Period to the Close of the Generation Contemporary with Alexander the Great* (1846-1856), que a era entre 300 a.C. e a absorção de Grécia por Roma nada tinha a oferecer, senão como muleta para compreensão de seus séculos precedentes².

Ainda que boa parte das teses de Droysen pareçam hoje superadas e recendam a épocas antediluvianas – como a hipótese de uma helenização incontestada do Oriente³, a concepção benfazeja de Alexandre como lídimo vetor da providência nos moldes hegelianos⁴ e as analogias traçadas entre

¹ Universidade Estadual de Campinas. Trabalho financiado pelo CNPq (141445/2019-0).

² “As a whole, the period between 300 BC and the absorption of Greece by the Romans is of no interest in itself, and is only so far of value as it helps us to understand the preceding centuries.”. Para análise do debate sobre o período helenístico tal como ele se desenvolveu no século XIX, ver: DEMETRIOU, Kyriacos N. “Historians on Macedonian Imperialism and Alexander the Great”. *Journal of Modern Greek Studies*, vol. 19, n. 1, 2001, pp. 23-60.

³ A bibliografia é imensa, mas a consulta ao clássico de Momigliano é sempre ponto de partida profícuo: MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os limites da helenização**: a interação cultural das civilizações grega, romana, celtica, judaica e persa. Tradução de Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991 [1975].

⁴ Ninguém mais que Bosworth se esmerou em enfatizar como a conquista de Alexandre trouxe destruição às populações da Ásia. Ver: BOSWORTH, Brian. **Alexander and the East: the Tragedy of Triumph**. Oxford: Oxford University Press, 1996; BOSWORTH, Brian. “A Tale of Two Empires:

o imperialismo macedônico e o desejo de uma unificação alemã em torno da Prússia⁵ – fato é que sua relevância para o estudo do período helenístico é incontornável. De resto, a própria ideia de um “período helenístico” é tributária do historiador prussiano. Isso sem falar em suas contribuições para o campo da teoria e filosofia da História⁶ e para a comédia grega, ao compilar e traduzir todo o Aristófanes.

Da mesma que o período helenístico demorou a atrair a atenção dos estudiosos, sua arte e os retratos de Alexandre só passaram à agenda acadêmica em meados do último século. Muito embora o impacto das descobertas em Pérgamo nas décadas de 1870 e 80 - sintetizadas na máxima do arqueólogo germânico Carl Humann: “nós descobrimos uma época inteira da história da arte” (“Wir haben eine ganzen Kunstepoche gefunden”) – seja proverbial, estudo monográfico das figurações do conquistador veio a lume apenas em 1964. Assinado por Margarete Bieber, arqueóloga germano-americana de ascendência judaica, *Alexander the Great in Greek and Roman Art* é volume ainda de forte caráter formal, que recebeu algumas resenhas desfavoráveis, em particular no que

Hernán Cortés and Alexander the Great”. In: BOSWORTH, Brian. & BAYNHAM, Elizabeth. **Alexander the Great in Fact and Fiction**. Oxford, Oxford University Press, 2000, pp. 1-22.

⁵ KNIPFING, John. “Historians and Macedonian Imperialism”. **The American Historical Review**, vol. 26, n. 4, 1921, pp. 657-671; ERSKINE, Andrew. “Approaching to Hellenistic world”. In: ERSKINE, Andrew. (org.). **A companion to the Hellenistic world**. Willey: Blackwell, 2003, pp. 1-15; BOSWORTH, Brian. “Alexander the Great and the creating of the Hellenistic age”. In: BUGH, Glenn. (ed.) **The Cambridge companion to the Hellenistic world**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 9-27.

⁶ DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de Teoria da História** (*Grundriss der Historik*). Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petrópolis: Vozes, 2009 [1858]. Diversos autores brasileiros têm produzido reflexões sofisticadas sobre a atuação de Droysen nesse campo. Ver: CALDAS, Pedro. **Que significa pensar historicamente: uma interpretação da teoria da história de Johann Gustav Droysen**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2004; BENTIVOGLIO, J. “Cultura política e historiografia alemã no século XIX: a Escola Histórica Prussiana e a Historische Zeitschrift”. **Revista de Teoria da História**, v. 3, pp. 20-58, 2010; ASSIS, Arthur Alfaix. **What is history for?** Johann Gustav Droysen and the functions of historiography. Oxford: Berghahn Books, 2014; MORAIS, Julio. “O trabalho do historiador em foco: reflexões sobre a Historik de Johann Gustav Droysen (1808-1884)”. **Oficina do historiador**, vol. 12, n. 1, 2019, pp. 1-20.

concerne à sua relação entre textos e imagens⁷.

Diante de quadro que se caracteriza por certo atraso teórico-metodológico, não é exatamente espantoso perceber que o espectro da helenização segue assombrando alguns trabalhos sobre a arte helenística. Se hoje está ultrapassada a tese de que a campanha oriental interrompeu, ao invés de consolidar, uma rota estimulante de intercâmbios culturais, como formulou Starr na década de 1970⁸, causa espécie verificar que mesmo reputadíssimo arqueólogo especializado em estudos orientais assevera que as últimas ondas da arte do Oriente próximo foram varridas pela inundação do helenismo (“swept away by the flood of Hellenism”)⁹. De forma análoga, em recente catálogo de exposição sobre Alexandre que teve lugar no Hermitage de Amsterdã, Anna Trofimova não teve receio em afirmar que:

Na era helenística, o estilo artístico grego tornou-se universal, ou seja, foi assimilado por diversos povos, independentemente de sua nacionalidade, religião ou estrutura estatal. Assim nasceu a ideia de unidade cultural do mundo, a qual foi a principal consequência da campanha asiática do rei macedônio¹⁰.

Não obstante, desde meados do século XX, os estudos sobre a época helenística têm crescido, na maior parte das vezes destacando seu caráter pródigo em intercâmbios culturais, sociais e artísticos de diversos matizes que tiveram lugar em cenários que vão do Egito sob os ptolomeus à Ásia

⁷ GOUKOWSKY, Paul. “Le portrait d’Alexandre”. *Revue des Études Grecques*, n. 79, 1966, pp. 495-498.

⁸ STARR, Chester. “Greeks and Persians in the Fourth Century B.C. A Study in Cultural Contacts before Alexander (Part I)”. *Iranica antiqua*, n. 11, 1975, p. 43.

⁹ ROAF, Michel. “The art of the achaemenians”. In: FERRIER, Ronald. *The Arts of Persia*. New Haven: Yale University Press, 1989, p. 43.

¹⁰ “In the Hellenistic era the Greek artistic style became universal, i.e. it was assimilated by various peoples, regardless of their nationality, religion or state structure. So was born the idea of the cultural unity of the world, which was the main consequence of the Macedonian king’s Eastern campaign”. TROFIKOVA, Anna. “The Mediterranean in the Hellenistic Era”. In: HERMITAGE AMSTERDAN. *The Immortal Alexander the Great*. The Myth, the Reality, his Journey, his Legacy. Amsterdam: Kunstdrukkerij Mercurius, 2011, p. 125.

Menor dos atálidas. Da mesma forma, a importância da produção figurativa do período tem sido cada vez mais destacada, sobretudo a partir da percepção de que os grandes modelos do Renascimento – do Laocoonte ao Apolo do Belvedere, do Hércules Farnese ao Torso do Belvedere – foram concebidos no recorte que cobre os séculos IV e II a.C.

Sendo assim, este dossiê da revista *Figura: Studies on the Classical Tradition* se debruça sobre parte do legado do mundo helenístico para a Tradição Clássica, reunindo cinco estudos de pesquisadores brasileiros a respeito da atuação de Alexandre, suas relações com as artes da figura e seu impacto entre os diádocos. Nesse sentido, Maria Aparecida de Oliveira Silva analisa a constituição de Alexandre na biografia de Plutarco, talvez o mais famoso dos textos antigos sobre o conquistador a alcançar nossos dias. Beatriz Cunha investiga as relações na corte macedônia com Alexandre ainda em vida, enfatizando como esses laços tiveram eco na formação *a posteriori* dos reinos helenísticos. Thiago Biazotto e Danilo Bernardino se detêm à relação do basileu com as artes. No primeiro caso, averiguando os pontos de contato entre um mosaico encontrado em Pela e as ἐκφράσεις feitas por Plínio e Plutarco a respeito de grupo escultórico dedicado por Crátero em Delfos; no segundo, analisando as implicações da escolha do diadema como adereço régio por Alexandre. O artigo de Ronaldo Pereira a respeito do Egito Ptolomaico – um dos primeiros temas de interesse de Droysen, aliás, cuja tese doutoral, de título *De Lagidarum regno Ptolemaeo IV Philometore rege* foi defendida em 1831 – encerra o dossiê.

O organizador gostaria de agradecer ao Prof. Luiz Marques, pela valiosa orientação e pelo convite para coordenador este dossiê, aos professores Patricia Meneses e Alexandre Ragazzi, pelo suporte constante e parceria de trabalho neste volume, além, naturalmente, aos autores que engrandeceram nossa publicação com suas contribuições. Por fim, merecem destaque os nomes do Prof. Henrique Modanez de Sant'anna e de seus orientandos, fundamentais para a conclusão a contendo deste número.